

Trocando o pneu furado com o carro em movimento

Sem ousar passos maiores do que as pernas permitem, Márcio Cotrim consegue dar à cultura do DF a sensação de que a crise não existe

Máximo Manzóllilo

Imagine-se trocando um pneu furado com o carro em movimento; colocando o macaco sem puxar o freio de mão; ou mesmo retirando o estepe do porta-malas sem largar o volante. Pense estar dirigindo um veículo cujas engrenagens se corroeram com o tempo e impulsionado por um motor esporadicamente revisado, mas que precisa continuar girando a despeito dos constantes engasgos. Tome assento nessa máquina de carroceria enferrujada e pintura fosca e tente, em um curto espaço de tempo, (7 meses), valorizá-la no mercado. Sinta-se um David Copperfield fazendo funcionar com água um trator. E pronto, será você mesmo o *piloto* da Secretaria de Cultura do Distrito Federal.

Essa é a metafórica realidade da administração cultural de Brasília, revelada pelo próprio secretário Márcio Cotrim, que diz estar conseguindo conciliar as necessidades do presente, à urgente revisão de erros do passado e a fundamental elaboração de um calendário que sedimente o futuro. Uma espécie de “tudo-ao-mesmo-tempo” que respeita, quase como uma bíblia, as sugestões da comunidade artística contidas em documento elaborado por um grupo de trabalho instituído pelo ex-governador Joaquim Roriz, em 1988. Para Cotrim, a execução dessa política somente é possível em função da “sintonia” entre a secretaria e a Fundação Cultural, dirigida por Sônia Moura.

Espólio Nobre — O arqueológico desentrosamento entre órgãos tornava a teoria tão próxima da prática quanto a Sibéria do Cariri. Nesse contexto, o primeiro obstáculo a ser ultrapassado, segundo o curto plano de ação definido pelo secretário, foi o *espólio maldito* da administração Marlos Nobre, ex-diretor da FCDF. Dessa herança, não restou nem mesmo a distância física que separava ambos os órgãos, que passaram a funcionar conjuntamente no anexo do Teatro Nacional. “Os efeitos positivos dessa mundança, em todos os aspectos, puderam ser sentidos logo após a posse”, revela Cotrim.

O estabelecimento de uma programação com certa precocidade, aliado ao “rigoroso cumprimento desse calendário cultural”, teve o efeito do engate de uma marcha e uma aceleração ruidosa, apesar de determinados setores artísticos ainda contestarem a velocidade dessa arrancada. No dia-a-dia convive-se, entretanto, com uma máquina bem mais ágil que a inércia dos últimos anos. O secretário aponta como distinção básica de sua gestão a *visão mercadológica* que passou a nortear as atividades artísticas na cidade,

levando o Governo a buscar, sempre que possível, um ponto de apoio na iniciativa privada.

“Associamos a essa postura o maior controle das bilheterias e a democratização dos espaços como o Teatro Nacional, resultando em um aumento real de arrecadação em cerca de 756 por cento, comparando-se nosso tempo de gestão com igual período do ano passado”, destacou. Com base em números que indicam uma ocupação satisfatória das salas culturais e uma constância de espetáculos, Cotrim afirmou que Brasília passou a oferecer opções em um ritmo não verificado anteriormente. Cita, para reforçar inovações no calendário, o resgate de eventos como o Encontro dos Escritores (há dois anos fora da programação), o Prêmio de Artes Plásticas (reativado após 16 anos) e a Semana do Folclore, organizada pela última vez há 12 anos.

Disse acreditar que a simplicidade das propostas e a eficiência na sua execução permitem fazer esse balanço positivo. “O raciocínio é lógico: movimentamos culturalmente a cidade, arrecadamos mais com isso e aplicamos o dinheiro das bilheterias no financiamento de atividades como os concursos de Bandas e Corais e no apoio a iniciativas como o Prêmio APAC, o Festival do Gama, o Forró da Ceilândia e o 12h30. Vale ressaltar que a Secretaria da Cultura possui, além da dotação orçamentária que garante a manutenção da sua estrutura, uma captação diária em suas salas de espetáculos. Isso deve ser levado em consideração e ser bem administrado”.

Sem queimaduras — Se passar do papel à prática projetos como o HJKO (que deverá efetivamente se constituir em ponto de referência cultural), o carnê de assinatura para concertos da Orquestra Sinfônica, os quiosques de venda de ingressos e divulgação de gravuras e pinturas, e o “Circulando por Brasília”, destinado a comunidades carentes, renderam bônus à atual gestão, nada é mais determinante para uma avaliação da administração cultural na cidade que a organização do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Realizado em meio a uma entressafra da cinematografia nacional, o evento, em uma primeira análise da própria comunidade artística, ultrapassou as expectativas. Sem queimaduras na prova de fogo!

O secretário relaciona nesse elenco de atividades a instituição da Ordem do Mérito Cultural, a ser concedido em 5 de novembro próximo (Dia da Cultura), “a primeira do gênero no Brasil”, e o censo cultural, que viabilizará a elaboração do catálogo *Quem é quem na Cultura de Brasília*. Em um balanço do que foi e do que está sendo feito, se não se alcançou a tranquilidade que se deseja, o fato é que a gestão Cotrim não chegou a provocar, com suas propostas nenhuma comoção no meio cultural.



O que você acha do funcionamento dos bastidores?

TUROS ARQUIVO



“Não vamos dizer que estamos em um paraíso, mas a verdade é que me relaciono bem com os funcionários que dão assistência às montagens teatrais, mesmo os da Fundação. Quando se fala em problemas nessa área de serviços não se pode esquecer que Brasília não tem, ainda, uma tradição cultural. As pessoas aqui não têm 30 anos de teatro; têm 30 anos de vida. No Uruguai e na Argentina, por exemplo, trabalhar na limpeza e na arrumação de uma sala é, antes de uma função burocrática ou um serviço como outro qualquer, um motivo de orgulho. As pessoas fazem a faxina por amor, antes de tudo, elas revelam um enorme prazer de estar ali. É um orgulho espantoso. Por aqui, todos nós loucos e sonhadores que fazemos o teatro devemos passar essa coisa apaixonada, até que o trabalho dentro do meio cultural seja uma adoração. Algo menos burocrático e que transmita dedicação e respeito. Acredito que uma gestão mais ágil sem que isso seja um comentário sobre a atual administração possa estimular os servidores nesse sentido”.

■ **Hugo Rodas** — diretor de teatro



“Existe um problema gravíssimo em Brasília que é a escala de trabalho mal elaborada. Não corresponde com a realidade do teatro brasileiro. Um iluminador que participa de todas as etapas de ensaio pode não ser o mesmo do dia da apresentação. Ficamos inseguros, naquela ansiedade de saber se vai apertar o botão certo ou se os móveis estão no lugar certo porque foram outras pessoas que arrumaram o cenário. De maneira geral, são bons profissionais que se encontram em uma situação semelhante a de quem vai trabalhar no palco: mal remunerados, cansados por terem outros *bicos* e certamente com um péssimo humor. Nesse clima, os atritos podem ser constantes. Mas, posso ressaltar que me relaciono bem com todos, principalmente porque respeito até os que não gosto; os que são bons profissionais eu admiro. Esses representam um por cento dos casos. Há em Brasília uma realidade cruel: não existe o teatro particular, *microempresários* de cultura, *teatro de bolso* onde o funcionário está atuando há 20 anos, sabendo de sua importância e da função que desempenha. A curto prazo precisamos corrigir a escala; com o tempo, com um processo secular de educação, poderemos eliminar vícios de funcionalismo como a impontualidade ao chegar e a pontualidade para sair”.

■ **Plínio Mosca** — Diretor de teatro



“Há uma sensação muito forte de abandono, uma falta de orientação. Algo como entrar numa festa e não saber quem é o anfitrião, quem serve a bebida e o motivo da comemoração. Em resumo, quem atua no teatro não está sabendo a quem recorrer. A realidade é que falta um planejamento, didático e organizado. Um elemento que torne prática essa estrutura. Não podemos trabalhar achando que vamos ter 15 refletores e na hora isso não se concretizar. Falta lubrificar essa máquina; as peças parecem às vezes emperradas, necessitando de um empurrão. Em outras oportunidades, ela funciona na base do durex e do remendo — e quando arrebenta é de uma vez. Mas, não se pode fazer uma avaliação precipitada eficiente; quando ele existir, aí sim poderemos analisar as peças — os funcionários. Não podemos generalizar e dizer que são todos ruins. Assim como não de pode, num arroubo imediatista, criticar a curta gestão de Márcio Cotrim. Ainda não vimos os resultados. Vamos esperar a semente germinar e ver se são ervas daninhas ou árvores frutíferas. Prefiro acreditar sem panfletar”.

■ **Fernanda Pelozo** — Atriz